



ANOS GLORIOSOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHKEK. REALIZAÇÕES DA DÉCADA DE 1980 NO ESPAÇO FLUMINENSE

Luiz Fernandes da Costa¹

RESUMO

A Reforma Capanema de 02/04/1942 não incluiu o curso Normal como agência educacional. A recondução ocorreu a partir do Decreto n.7491 de março de 1943- Decreto-Lei n.8530/1946. Com a oficialização surgiram muitas escolas do curso Normal no Brasil, como a de Campo Grande(Rio de Janeiro) - Projeto-Lei nº.906, oficializado na Câmara do Distrito Federal em 16/12/1957. Em 02/05/1959 foi inaugurada a Escola Normal Sarah Kubitschek, passando a funcionar em salas cedidas pela Escola Municipal Venezuela. Somente em 13/10/1974 recebeu sua sede com o nome de “Instituto de Educação de Campo Grande”. Mas, a partir do Decreto n.2.027 de 10/08/1978 passou a se chamar Instituto de Educação Sarah Kubitschek(IESK). A escola cresceu junto com o bairro, 500.000 habitantes atualmente, respondendo pela demanda escolar, ganhando reconhecimento pela qualidade de educação. Os anos de 1980 parecem revelar o período de superação, razão pela qual assume importância para a história da educação. Para esse alcance foram entrevistadas 08 ex-normalistas/ 02 professores de Música, um deles diretor nos anos de 1980. Nos anos de 1990 ocorre a desconstrução dos “louros” do Instituto, que perdeu gradativamente a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e parte de seus prédios para a Universidade Estadual da Zona Oeste(UEZO). Enquanto o Sarah vai perdendo espaço e a memória construída na Zona Oeste, os alunos das décadas de 1960/1970 e 1980 não deixam de celebrar os “anos gloriosos”.

Palavras – chave: História, Instituto de Educação, Curso Normal, Década de 1980.

INTRODUÇÃO

A Reforma Capanema promulgada em 09 de abril de 1942, responsável pela organização do ensino secundário brasileiro, não contemplou a escola Normal como uma agência de educação. Somente com a promulgação do Decreto nº 7491 de março de 1943 foi possível reconduzir o curso ao cerne da educação com a missão de formar professores (Coutinho, 2007). Essa consideração propiciou um crescimento vertiginoso, possibilitando a criação de muitas escolas do curso Normal no Brasil. Principalmente a

¹ Professor adjunto do curso de Administração da Faculdade Machado de Assis (FAMA). Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá e doutorando em Epistemologia e História das Ciências pela Universidad Nacional Tres de Febrero – Argentina. - luiz.fernandes2008@hotmail.com



partir do Decreto-Lei nº 8530/1946 que cuidou da oficialização, com a missão de “prover a formação de pessoal docente necessário às escolas primárias”. Romanelli (2003 apud Castro 2006, p.7).

A demanda era grande e a cidade crescia em direção ao Sertão Carioca, alcançando o populoso bairro de Campo Grande, a época conhecido como “a Citrolândia”, devido a vasta área de cultivo de laranjas. Era a década de 1950 e a região sofria com uma crescente demanda de alunos e falta de professores. Assim, a partir do Projeto - Lei nº 906², oficializado na Câmara do Distrito Federal em 16/12/1957³, foram criadas duas escolas do curso Normal, a Heitor Lira na Zona da Leopoldina e a Sarah Kubitschek, na Zona Rural - Campo Grande. Em 02/05/1959 foi inaugurada a escola de Campo Grande, mesmo sem ter sede. A escola foi cognominada com o nome de Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK), em homenagem a primeira dama brasileira, Sr^a Sarah Luísa Kubitschek de Oliveira, e passou a funcionar em cinco salas cedidas pela Escola Municipal Venezuela. Sua fama alcançou paulatinamente toda a cidade do Rio de Janeiro (DF), para os quais concorriam não só os moradores de Campo Grande, mas de bairros populosos como Bangu, Realengo, Santa Cruz e até de municípios vizinhos, como Nova Iguaçu e Itaguaí.

Em 1960 a escola se instalou em sua sede provisória, um antigo Galpão de laranjas, situado a rua Augusto Vasconcelos, nº 212. Finalmente em 13 de outubro de 1974 foi inaugurada sua sede definitiva com o novo nome “Instituto de Educação de Campo Grande⁴” (IECG), uma doação para o bairro. A mudança de nome se deu por meio do Decreto nº 7384, respaldado pela lei 303, de 13 de janeiro de 1963, que prescreve em seu 8º artigo o seguinte: “ a escola Normal Sarah Kubitscheck, ao transferir-se para sua sede definitiva, na Avenida Manoel Caldeira de Alvarenga, s/nº, passa a denominar-se Instituto de Educação de Campo Grande” (LIMA, 2017). O seu nome atual, Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK), foi oficializado pelo Decreto nº 2.027, de 10 de agosto de 1978. Nesse afã o pesquisador vem reunindo informações para publicação de

² DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Em regime de urgência – A famosa mensagem 53. 27 de nov. de 1957, s/p. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.08.2016.

³ DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Criada ontem a Escola Normal de Campo Grande. 28 de nov. de 1957, s/p. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 23.02.17.

⁴ Fonte: JORNAL DO BRASIL. 13 de out. de 1974, p. 38. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.05. 2016



um livro sobre o cinquentenário da instituição e faz um recorte para esse artigo com os principais acontecimentos e realizações dos anos de 1980. Para tal alcance foram pesquisados dois professores que lecionavam Música, um deles também foi diretor e 08 ex-normalistas, que figuraram como atores educacionais durante o referido período. As pesquisas realizadas parecem indicar que essa foi a década de superação educacional do Instituto.

DESENVOLVIMENTO

Contar uma história nos remete trazer o passado de volta. Esse conto assume maior responsabilidade porque está fragmentado nas testemunhas que participaram, interferiram no percurso, fazendo com que ela chegasse aos nossos dias com um enredo que é a representação própria da memória. Procurou-se por meio dos relatos alcançar as lembranças dos participantes da comunidade escolar. Foram encontradas 08 ex-alunas, 01 professora e um diretor. Algumas das alunas também fizeram o curso Adicional ao magistério que o Instituto oferecia. Quanto aos anos de matrículas tem-se : 01 aluna do ano de 1980; 02 alunas do ano de 1982; 01 aluna do ano de 1983; 01 aluna do ano de 1984; 01 aluna do ano de 1986 e 02 alunas do ano de 1987. Já a professora e o diretor lecionavam no instituto desde 1970.

Assim buscou-se reconstruir o período histórico a partir desses atores educacionais, que efetivamente experienciaram a realidade desse estabelecimento de ensino. Essas narrativas foram consideradas como defende Portelli (1997, p.17), a busca por “versões dos fatos pressupondo a existência de lacunas espaciais e temporais e aceitando a subjetividade implícita no relato, tanto da parte do narrador, quando do pesquisador que procede a coleta”. Os relatos foram recheados de emoções. Percebe-se que a instituição tem uma história singular, digna de registro nas páginas da educação. As entrevistas se transformaram em conversas, e focalizaram as lembranças vividas por cada um dos depoentes. Enquanto falavam da instituição permitiam entrever que eram também suas histórias. (Ferraroti, 1993, p. 183) considera que:



Todas las vidas individuales son documentos de una humanidad más amplia con sus discontinuidades históricas. Eh hilo que une estos mosaicos biográficos, singulares, coletivos, en sus diferentes perspectivas, es la articulación del tempo recogida em su doble aspecto de experiência individual y colectiva, de los momentos que se integram reciprocamente.

Os depoentes, alunos matriculados nas séries iniciais do Instituto, declaram o impacto que sentiram com o tamanho da escola. Difícil até para ultrapassar os portões. Tinha que passar por filas em busca de vagas ou de informações, para um atendimento que ia desde a Educação Infantil ao Ensino Médio – formação de professores. E apesar dos esforços muitos não conseguiam a sonhada vaga. Então a direção, conforme relata Luciana, adotou a realização de sorteios para o ensino fundamental.

Minha mãe buscou vagas para três filhos na Instituição. A fama, o trabalho sério e de qualidade transformaram o Sarah na ambição educacional da região. Para dar transparência ao critério de seleção a escola realizava sorteio da distribuição de vagas que era acompanhada pelos responsáveis.

Já os alunos do curso Normal descrevem o primeiro olhar ao Instituto como um gigante, e conjecturavam que levaria um tempo para se acostumarem com aquele espaço. Era como uma universidade, um espaço físico que podia ser comparado a um mundo. Para uma criança, como Luciana aos seis anos de idade, aquele “monumento” causou medo. Disse que era muito grande para uma pessoa que nunca tinha estudado.

A visão era ampla para qualquer visitante, parecia sem fim. O Instituto ocupava uma área de 44.000 metros quadrados. O acesso de entrada levava a dois prédios de três andares, distantes um do outro, e mais à frente, do lado oposto, ficava o prédio de Educação Infantil. Ali se concentravam as escolas laboratório. Para uma delas convergiam os alunos do Ensino Fundamental (1º ao 8º ano) com o nome Escola Deolinda Caldeira de Alvarenga, e os da Educação Infantil iam para o Jardim Professor Waldemar Pires. O destaque ficava por conta do prédio em forma de nave – espaço de formação de professores do Sarah Kubitschek. A escola tinha uma arquitetura futurista. Ainda hoje é uma construção moderna com elevador no prédio principal, 02 auditórios para palestras, uma sala grande (correspondente a 08 salas de aula) para exposição cultural, piscina semi-olímpica. Já o pátio do prédio principal tem as colunas em forma



cilíndrica (pilotis) verticais fazendo sentir o equilíbrio, de enlevo, uma certa espiritualidade.

Contudo não era o aspecto monumental o que mais chamava a atenção dos alunos. Eram suas atividades educacionais – culturais sempre em profusão. Suas dinâmicas educacionais se assemelhavam ao cotidiano das universidades. O reconhecimento do Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK) na comunidade escolar e de entorno, ganhava respeito em outras instituições de ensino e na mídia, como relata Zilanda

Minha turma foi escolhida para realizar atividades científicas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Fomos e voltamos no ônibus da universidade. O Sarah também era chamado para participar de programas na televisão. Assim fomos ao programa do “José Cunha Especial” nas TV – Rio Canal 13. Em outra ocasião o Sarah participou do “Programa Globo de Ouro” da TV Globo. Só que para esse programa a diretora escolheu as meninas mais bonitas do curso Normal.

Por ser uma instituição formadora de professores para atuarem na educação básica, não faltava professores de Música. Eles ministravam aulas para alunos no complexo educacional desde o curso do 1º grau (5ª a 8ª série) até o Ensino Médio. A aluna Cristiane destaca os professores Geraldo e José Lopes nas atividades culturais do Instituto. A escola tinha um piano e os professores de Música o utilizavam. Já a ex-aluna Luciana conta que guarda em memória os bons momentos das aulas de Música. Considera que:

o professor Geraldo era uma pessoa muito bacana . Tive aula com ele durante os três anos do curso Normal. Ele fazia força para minha turma participar do coral. Nossas apresentações ocorriam durante o ano letivo, uma ou duas vezes. Também cantamos na Sala Cecília Meireles – corredor cultural do Rio. Ele reforçava, que a turma em si, era uma turma de apoio por possuir um bom grupo vocal.

As atividades diversificadas fazia parte do cotidiano escolar, dentre elas as festas folclóricas, teatro musical, turma do Balão Mágico, palestras, encontros musicais e teatrais. É o que relata com empolgação a ex-aluna Adriana Lemos,



Como aluna, ficou e fica o orgulho de ter participado do Instituto, de ter sido uma aluna atuante durante os anos em que lá passei (era do Grêmio Estudantil, participante das festas...). Lembro-me da Festa das Nações na qual minha turma representou à Espanha e para dançar usei uma vestimenta flamenco.

E a aluna Zilanda registra que um dos auditórios do IESK era ocupado durante o recreio pela juventude evangélica. Ela esclarece que

havia culto evangélico no horário do recreio no auditório. A organização ficava por conta da aluna Andreia da Igreja Batista de Cosmos. Em um desses encontros o PARAMO, grupo de louvor e evangelização, esteve conosco.

Há que se relatar também a importância da gestão administrativa para alcance de resultados tão singulares no meio educacional. Assim, no seio administrativo, é possível encontrar elementos de grande importância para a história da educação. Como aconteceu na gestão do Diretor Geral - prof. José Lopes (1984 - 1989) ao receber em seu gabinete o governador do Estado do Rio de Janeiro – O Exmo. Sr. Leonel de Moura Brizola, como relata:

O governador Leonel Brizola fez uma reunião em meu gabinete. Estavam presentes nessa reunião junto com o governador o Secretário de Educação, o pessoal da Empresa de Obras Públicas (EMOP), e o alto escalão das forças armadas (Aeronáutica, Marinha e Exército). O governador ficou intrigado com a organização da escola e perguntou: “quem é o diretor dessa escola”? Um funcionário respondeu: é aquele que está em pé a porta do gabinete. Eu estava em pé atendendo a comunidade escolar. Em atenção ao chamado do governador me aproximei e ouvi dele o seguinte: “ Como o senhor é diretor desse colégio maravilhoso e está aí em pé a porta? O senhor tem que se sentar aqui”. Procurei me justificar, mas o governador respondeu: “Sente-se aqui do meu lado. Agora eu quero perguntar se o senhor nos dá permissão de marcar outra reunião no seu colégio”. Respondi: se o senhor prefere fazer a reunião no nosso colégio, ao invés de fazê-la no Palácio Guanabara, é uma glória para nós. O governador ainda acrescentou que “reunindo aqui posso contemplar as belezas do jardim”. E era verdade, naquela época as flores estavam em cachos e os pendões dançavam ao sabor dos ventos. Realmente a segunda reunião aconteceu.

Cabe citar dentre os atributos desse diretor, sua capacidade de resolver problemas relacionados a disciplina de alunos, assim como buscar a integração da equipe de professores que envolvia desde os professores da Educação Infantil a de formação de professores. Muitos professores do curso Normal chegavam a escola em carros luxuosos



conduzidos por choferes. Como diretor promoveu várias atividades para aproximar todos os professores e quebrar a hierarquia que parecia haver entre eles. Foi em sua gestão que os banheiros foram reformados. Comenta que as normalistas tatuavam os espelhos com beijos, com batons de cores diferentes. A servente reclamava de tal atitude. E o professor José Lopes procurou resolver o problema de uma vez por todas. Conta que:

Convocou todas as representantes de turmas do curso Normal, e juntamente com a servente adentraram ao banheiro feminino. Lá verbalizou uma nota de repúdio a ação das alunas por essa prática. Em seguida diante de todas pediu que a funcionária limpasse os espelhos, o que foi prontamente obedecido. As alunas assistiram atônitas a servente enrolar um pano na vassoura, embebê-la na água de um dos vasos sanitários e passar nos espelhos. Nunca mais as alunas se atreveram a beijar os espelhos.

Por fim o diretor concluiu que

Me empenhei ao máximo nas duas gestões como diretor geral, para colocar o Instituto no lugar que merecia. Tive que abrir mão de muito dinheiro. Fechei minha academia em Caxias – RJ, deixei de cuidar de meu sítio em Petrópolis. Aos domingos ia para o Sarah. Não reclamo dos prejuízos mediante os ganhos que alcancei no IESK. Depois de tudo isso fui chamado pelo governador para dirigir o Instituto de Educação do Rio de Janeiro (R. Mariz e Barros, Tijuca - RJ). Disse para eu desenvolver as mesmas atividades administrativas do Sarah, mas não aceitei recomeçar.

No IESK, conforme afirma a professora Ivone Fragali, os professores de Música assumiam a administração das atividades culturais, prestando um relevante serviço a instituição. Os professores de Educação Física também eram grandes parceiros nas realizações culturais do Instituto. Como relata a ex-aluna Cristina Souza,

A escola tinha uma banda de música para os desfiles, organizada pelo professor Geraldo. Tínhamos também a banda do professor José Lopes, que era mais lúdica, e usadas pelos professorandos para realizar atividades com as crianças. O Sarah também tinha um piano para atividades musicais internas, para atividades das turmas, em um momento só da escola. A professora de Música Maria Marta tinha muita disposição e paciência no trabalho que desenvolvia conosco. A gente cantava até em Inglês! Cantávamos “Romeu e Julieta” e músicas de Dorival Caimi. A música “Minha jangada vai sair do mar” foi uma delas. Não se tratava de apresentação de um cântico, mas de uma preparação técnica. Um grupo cantava, outro respondia. Outras expressões eram



trabalhadas com a música como o grupo de coreografia. Esse trabalho era realizado pelo coral. Tínhamos um caderno com músicas populares e militares. Por isso cantávamos o “Cisne Branco”, Hino da Marinha – acompanhados pelo piano do IESK.

As entrevistas parecem revelar que o trabalho da escola era integrado. A começar pela comunidade escolar. Da parte dos professores tudo era feito para que a escola permanecesse no *pódium*. Aproveitando essa base sólida de comprometimento educacional, a direção buscou levantar uma verba extra para realizações que entendia ser emergencial, e que demoraria se fosse remetida ao governo. Então alunos e professores, alimentados pelo espírito de solidariedade e pelos laços de pertencimentos, assumiram os objetivos administrativos como seus. Dessa forma a instituição ganhava conotação na história de vida de seus principais atores (diretores, professores e alunos) e ainda de toda a comunidade escolar. Uma dessas realizações é testemunhada pela ex-aluna Zilanda ao contar que

Estava no 3º ano quando fecharam com um muro a entrada dos fundos do Instituto. Até aquele momento a entrada dos alunos do Sarah era pelo terreno onde hoje se localiza o Centro Interescolar Miécimo da Silva (CIMS) – parte do Sarah foi cedida para a construção. Para essa realização a gestão contou com a colaboração financeira dos alunos. Foi organizada juntamente com os professores uma gincana para doações. A turma 3100 da qual eu era aluna, foi a vitoriosa. A colega Denise liderou a turma e atingiu a meta de número de tijolos necessários para a construção do muro, e ainda sobrou dinheiro. Com a sobra, a turma organizou a “FETIESK” no Teatro Artur Azevedo – Campo Grande. A professora Francine (Música), responsável pelas festas e formaturas, administrou o evento na qual tivemos que imitar cantores como Cauby Peixoto, Fred Mercury entre outros.

Mas fazer parte da história desse estabelecimento não era para qualquer um. Os alunos deviam demonstrar seus conhecimentos, capacidade de aprender, de trabalhar em equipe, enfim de produzir. Em qualquer modalidade de ensino o discente deveria demonstrar aptidão. E tinha que seguir as orientações da escola na compra dos materiais solicitados, livros e qualquer outra atividade. Tal exigência era passada para todos os alunos, e com especial conotação aos alunos matriculados por transferência no Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e Ensino Médio, para os quais era necessário um período de adaptação. Já era esperado que, para parte dos recém chegados, o primeiro ano funcionaria como nivelamento. A maioria costumava ficar retida na série. Não diferente,



no curso Normal a exigência ganhava maior destaque, pois parte dos professores lecionavam também em universidades federais como na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e outros na Universidade Gama Filho (UGF). Os professores estavam ali para ensinar mesmo, afirmam as ex-alunas Zilanda e Helbia, respectivamente.

A prova dessa exigência era verificada na 1ª série do curso Normal onde a reprovação era “em massa”. Os professores não tinham pena. Na época todos levavam o estudo a sério. Os que não se enquadravam eram reprovados no fim do ano.

Fui transferida para o IESK na 7ª série, foi muito difícil acompanhar o desenrolar dos conteúdos naquele letivo. Fui retida na 7ª série, que funcionou como nivelamento. A escola tinha um nível de exigência acima do que se realizava nas escolas públicas.

Na mesma linha de considerações funcionava outros setores da escola. A estrutura pedagógica do Sarah colaborava para manter o padrão de qualidade do ensino. O Serviço de Orientação Educacional (SOE) e o Serviço de Orientação Pedagógica (SOP) funcionavam de verdade, como relata Zilanda

Após o Conselho de Classe (COC) os alunos de baixo rendimento eram chamados pelo SOE para uma reunião. Os melhores alunos também eram contemplados por esse departamento, que cuidava de premiá-los. Foi o caso da aluna Márcia Cristiane do 3º ano do curso Normal, homenageada durante a formatura. A aluna receberia como prêmio o anel de formatura, mas já havia comprado. Em ato muito solidário a aluna passou o prêmio a 2ª colocada.

Tudo colaborava para a publicização do Sarah, a começar pela indumentária. O uniforme do Sarah parecia ser chamariz para novos alunos. Era o orgulho dos alunos do curso Normal, e dos alunos do Ensino Fundamental. Para esses últimos a indumentária de gala caía como um prêmio. É o que relata com empolgação a ex-aluna Luciana.

Os alunos do Ensino Fundamental acompanhavam o Ensino Médio no dia do uniforme de gala (mangas compridas, gravata, estrelinha, cinto, meias soquetes ou três quartos...). Era um uniforme todo alinhado, mas a cobrança era muito chata. Segunda feira era o dia de usá-lo, hastear bandeira e cantar o Hino nacional. Não



podia estar desalinhado. Dona Dirce era mestre em ir atrás de todos para fazer a cobrança do uso devido do uniforme.

A mesma aluna prossegue falando sobre o desfile cívico

Eu adorava. A escola era imensa. Um grupo estava chegando em frente ao condomínio onde resido atualmente, e ainda tinha pelotões para adentrarem a rua Campo Grande. Todos os alunos do Ensino Fundamental eram obrigados a desfilar, tipo assim, o professor dava nota e aluno assinava ata de presença quando estava na concentração. Já com o curso Normal a exigência era menor. Desfilava quem gostava.

E são os alunos dessa década, já profissionais na década de 1990, que foram convidados para participarem de uma proposta inovadora do Governo Federal, cuja política educacional se alinhava a do governo fluminense. No governo do Exmo. Sr. Leonel Brizola foram criados os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPS). Juntamente com esses era criado o Projeto Federal do Exmo. Sr. Fernando Collor de Melo (Presidente da República) - os Centros de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente (CAICS). Os governos estadual e federal abraçaram uma metodologia baseada na visão do prof. Darcy Ribeiro. Foram construídos vários CAICS em todo o Brasil. Um deles, no Rio de Janeiro, ficava próximo ao Instituto de Educação Sarah Kubitschek. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) era a responsável pedagógica do projeto dos CAICS. Assim foram convidados para dar andamento a proposta, professores docentes de disciplinas pedagógicas e professoras formadas pelo Sarah nos anos finais da década de 1980. Luciana conta com empolgação como se deu o processo de seleção de professoras, como segue:

Então participei da seleção. O meu número foi 120, dentre todos os alunos do Sarah de 1991 que foram convidados para fazer prova. Não sei quantos realizaram a prova, mas sei que foram selecionados 25 para trabalhar no CAIC, que fica próximo ao Sarah. Ao fazer a prova fiquei sabendo que a Secretaria Extraordinária de Educação inauguraria um CAIC – CIEP em Inhoaíba, por isso convidou os formandos do Sarah por ser a escola do Curso Normal mais próxima do CAIC a ser inaugurado. A prova constou de questões gerais e uma redação. Todos os 25 selecionados eram do Sarah.



Ela prossegue seu relato contando a inauguração do CAIC Nações Unidas. Justifica que o nome da escola, foi uma homenagem a **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO 92)**, momento em que estavam reunidos no Brasil autoridades de diversas partes do mundo. Alguns acompanharam o Exmo. Sr. Fernando Collor de Melo a inauguração.

O CAIC foi inaugurado pelo Presidente da República. O tráfego aéreo foi interrompido, fecharam as ruas, fizeram crachás personalizados para os convidados. Os alunos uniformizados saudaram o presidente a partir das janelas das salas do estabelecimento. Ele desceu de helicóptero e se fez acompanhar de presidentes de outros países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos gloriosos seguem com outras realizações nos anos de 1990, mas diminuindo gradativamente. As realizações culturais, artísticas e educacionais do Instituto entram em declive. De início foi encerrado o atendimento ao 2º segmento do Ensino Fundamental (5º ao 8º ano). No fim dos anos 90 se dá o fim da Educação Infantil e do 1º segmento do Ensino Fundamental, sucessivamente. A cada finalização de atendimento, choro, lamentos de responsáveis e de professores. Só na Educação Infantil e Ensino Fundamental foram suprimidas 32 turmas da instituição. A época o Sarah Kubitschek tinha 120 turmas e 7241 alunos. Do outro lado docentes, sem opção, eram comunicados para procurarem a Secretaria Estadual de Educação (SEE) para serem remanejados. Nos anos de 2000 a desconstrução do Sarah prossegue velozmente. Seus principais espaços foram cedidos para a Universidade Estadual da Zona Oeste do Rio de Janeiro (UEZO – RJ). Por outro lado as atividades educacionais pertinentes ao curso, como a Semana da Normalista e festa do Dia do Mestre desapareceram. As indumentárias perderam o seu rigor. Era um grande diferencial na região, de presença e respeito. Atualmente o Instituto prossegue oferecendo a modalidade de formação de professores para cerca de 3500 alunos matriculados. Porém as inovações desapareceram. Aos poucos a imagem de credibilidade da instituição vai se apagando, mas ficará por muito tempo na memória da região de Campo Grande. Principalmente porque os alunos das décadas de 1960, 1970 e 1980 se reúnem semestralmente, anualmente... para festejarem a “sorte” de



pertencimento a essa instituição histórica e de destaque na região. Quase que a totalidade deles seguiu a carreira e está se aposentando.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*, Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, SMU/Iplanrio, 3ª edição, 1997.

CASTRO, M. G. B. Uma retrospectiva da formação de professores: histórias e questionamentos. In. VI SEMINÁRIO REDESTRADO REGULAÇÃO EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE, 2006, Rio de Janeiro. VI Seminário REDESTRADO Regulação Educacional e Trabalho Docente, 2006.

COUTINHO, M. A. G. C. As professoras primárias da Guanabara de Lacerda. *Eccos. Revista científica*, v.9, p.135-156, 2007.

FERRAROTI, F. *Industrialización e Historias de Vida*. Revista *História y Fuente Oral*, nº. 09, Barcelona: *Universidad de Barcelona*, 1993

LIMA, F. S. Instituto de Educação Sarah Kubitschek: as origens da “Brasília de Miécimo” (1957). In: *Revista Contemporânea de Educação*. Vol. 14, nº 30, 2019.

PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente. *Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História*, n.14, São Paulo, 1997.

RIO DE JANEIRO. Lei Nº 906, de 16 de dezembro de 1957. Cria o Colégio Estadual Heitor Lira. *Diário Oficial do Distrito Federal*, 18 dez. 1957.

ROMANELLI, O. de O. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. 11. Ed. Petrópolis/RJ. Vozes, 1989

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Em regime de urgência – A famosa mensagem 53. 27 de nov. de 1957, s/p. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.08. 2018.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Criada ontem a Escola Normal de Campo Grande. 28 de nov. de 1957, s/p. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 23.02.17.

JORNAL DO BRASIL. 13 de out. de 1974, p. 38. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.05. 2016